

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 24000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
O nosso p. primeiro anno...	
Historia dos sete dias — O	
Natal.....	H. DE MAGALHÃES.
A Fada Boa.....	JULIA LOPES.
Os Bébês.....	S. SOUZA JUNIOR.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
O dia de Nata.....	ADELINA VIEIRA.
« O Domingo ».....	
As crianças.....	A. MENDES.
Contos a premio.....	
Objecto de amor.....	V. MAGALHÃES.
Novo hem; soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Conveio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Bolos.....	C. FERULA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e noticias.....	
Consultas.....	
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas será irremissivelmente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 34000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MU-

sica, inédita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, on TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

V. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, e terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias—

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 26 de Dezembro de 1885.

havendo sido os sete dias transactos pobrissimos de factos apreciaveis, constituindo uma das semanas mais chôchas, mais desesperadamente magras de que temos lembrança, havendo sido o *Natal* o seu unico acontecimento, a *Historia dos sete dias* occupa-se hoje com o *Natal*, e em verso.

O nosso numero de hoje é dedicado ás crianças.

Possam os versos joviaes e as rimas sônoras dos nossos poetas concorrer tambem para augmentar o brilho das festas e folguedos infantis, que alegam todas as casas da nossa capital.

Por falta de espaço não damos hoje algumas das secções fixas da folha. Que nos desculpem esta falta as pessoas interessadas na publicação das referidas secções.

O NOSSO PRIMEIRO ANNO

Com o presente numero encerra *A Semana* o seu primeiro anno de existencia.

Cincoenta e duas vezes temos vindo a publico com regularidade chronometrica e pontualidade archi-britannica.

Ha um anno que todos os sabbados, todos, *A Semana* toma lugar no *bonde da Imprensa* (*) e faz com os collegas a

(*) Vide l.º n.º d'*A Semana*.

viagem da publicidade, distribuindo pelo caminho risos e conselhos, flores e bálos, pilherias e commentarios.

Nunca uma folha hebdomadaria, de caracter litterario, alcançou entre nos a vida relativamente longa d'*A Semana*, — porque as que temos tido vivem apenas o tempo sufficiente... para morrer — nem tampouco a sua voga e popularidade.

Quer isto dizer que ella tem tido em seu favor elementos de vitalidade e manutengão excepcionaes e poderosos.

O primeiro d'esses elementos tem sido a dedicacão do seu sen director e de todos os seus companheiros; temos trabalhado com alma e sem descanso, arrostando sacrificios e contrariedades, acirrando-nos no empenho de dotar a capital do imperio com um periodico litterario realmente digno d'este qualificativo.

Fundada com pequeno capital, não sendo rico o seu proprietario, *A Semana*, para manter-se, somente podia contar com o favor publico. O facto de se haver sustentado durante um anno, estando ao fim d'este em prosperas conlicções, garantidoras de longa existencia, demonstra que *A Semana* veio preencher um claro no jornalismo do paiz e teve a suprema ventura de ser oportuna.

Seria vergonhoso que o Brazil não pudesse sustentar uma revista hebdomadaria, especialmente dedicada ás letras.

Por diminuto que fosse o numero de pessoas capazes de comprehender a utilidade e de apreciar o valor de uma tal publicação, e de gosto sufficientemente educado para se deleitar com a sua leitura, ainda assim, essa pequena parcella da população do paiz deveria bastar, senão para a fortuna, ao menos, para a subsistencia da folha.

Foi esse raciocinio que nos levou a fundar *A Semana*; que não era falso, o resultado da empreza o prova.

Apenas num ponto — mas importantissimo — nos enganámos. Foi este: acreditavamos que — como parecia natural — a Corte receberiamos o maior auxilio, que principalmente nellá encontraríamos a mais abundante fonte de renda.

Pois illudimo-nos desastrosamente. Dos assignantes d'*A Semana* apenas um terço, ou menos, pertence á capital do imperio. Se para vivermos precisassemos d'ella estariamos arranjados!

— Mas, pensará o leitor, se a Corte não assigna *A Semana* é porque a compra.

Outro engano: tambem a não compra. A nossa venda avulsa é diminuta; conservamola apenas como elemento de annuncio. E' provavel que esta heroica cidade, ouvindo todos os sabbados apregoar *A Semana*, venha enfim, não dizermos ao cabo de um anno; seria exigir muito! — mas ao cabo de cinco ou seis, — a saber que *A Semana*... existe!

Pobre cidade! Tem apenas cerca de

400.000 habitantes e sustenta (sustenta é um modo de dizer) nada menos de cinco (!) folhas diárias,—não contando as recém-nascidas, porque estas ainda podem vir a morrer do mal de sete dias,—e duas ou tres folhas semanais!

E' demasiada carga!

Demais, como ha de a Corte ter 28000 para tomar uma assignatura trimestral do nosso periodico, se a insaciavel, a feroz, a devastadora Jogatina a suga, a exhaure, a devora com suas mil boccas, qual a mais faminta?

E' preciso uma fortuna para, além de alimentar dezenas de loterias constantes, quotidianas, *kermesses*, rifas particulares. e os cem mil diversos jogos de azar que fervilham nesta cidade, alimentar tambem uma folha hebdomadaria, que tem o desaforo inaudito de de não ser—nem commercial, nem pornographica.

Dou pois razão á capital; como, porém, cada dia augmentam as assignaturas das provincias, temos a honra de agradecer em nome d'A *Semana* á capital a efficaz, a immensa, a preciosa protecção... que lhe não tem dispensado.

Não passaremos, contudo, adiante, sem fazer notar outra circumstancia curiosa. E' esta:—Das classes letradas, quer dizer dos homens diplomados, ou por suas profissões mais de perto interessadas nas letras, d'esses é que A *Semana* menos auxilio e menos adhesões tem tido.

Dos advogados, medicos, engenheiros, pharmaceuticos, professores e litteratos, aos quaes enviámos, no começo, a nossa folha, a maior parte—dois terços, talvez,—devolveu-nol-a, negou-se a assignal-a! Outra parte aceitou-a, mas recusou pagar!

Suas Senhorias dão-me permissão para não commentar o seu acto, não é assim?

Mesmo porque patifarias de tal ordem não se commentam: registram-se; como diz uma veneranda *chapa*.

O successo d'A *Semana* é tambem devido em grande parte á protecção decidida e valiosa de muitos cavalheiros, cujos nomes vamos declinar, como singela prova do nosso profundo reconhecimento.

São elles — os «benemerritos d'A *Semana*.»

Varios são os seus titulos de benemerencia. Firmam-se uns no auxilio pecuniario com que concorreram para a fundação d'esta folha, cujo modesto capital foi constituido por acções; outros —na propaganda benéfica que d'ella fizeram, angariando grande numero de assignantes; ainda outros na collaboração desinteressada e assidua com que têm abrilhantado as nossas paginas. Alguns ha que reúnem todos esses titulos de benemerencia.

Nessa classe figuram os Exmos. Srs.:

Dr. Affonso Celso Junior.

Dr. Henrique de Sá.

Dr. Lucio de Mendonça.

Os outros cavalheiros aos quaes A *Semana* deseja tributar publicamente a sua gratidão e a sua estima pelo muito que, por varias razões, lhes deve, são os seguintes senhores:

Francisco Ferreira Monteiro.

J. M. de Oliveira Junior.

J. F. Pereira de Mendonça.

Alfredo A. Vieira.

Alfredo Pujol.

Conselheiro Rodolpho Dantas.

Barão de Macahúbas.

Carlos A. Cezar Pluisant.

Dr. Joaquim Abilio Borges

Exma. Sra. D. Maria A. de Borha Pacca.

Dr. Joaquim A. Pinto Pacca.

Dr. Gonzaga Filho.

Antonio F. Furtado de Mendonça, filho.

Gaspar da Silva.

Antonio F. Lobo, junior.

Boaventura de Sá.

João P. de Oliveira Dias.

Dr. Guimarães Natal.

Capitão J. L. Cezar de Oliveira, junior.

Detemo-nos. Teriamos de encher muitas columnas se quizessemos registrar nellas os nomes de *todas* as pessoas ás quaes nos ligam o reconhecimento e a sympathia. Tão numerosos e tão importantes têm sido os favores e as sympathias com que foi acolhida e festejada A *Semana*. Creiam aquelles cujos nomes calamos que a nossa gratidão os sabe de cor, e nunca os ha de esquecer.

A's collaboradoras e collaboradores d'esta folha,—a todos, sem especialisar nenhum,—agradecemos os radiosos trabalhos com que os seus talentos a illuminaram.

Continuamos, pois, em nossa marcha, como até aqui:—sem medo e sem mácula; afoitamo-nos a dizelo.

Anima-nos o favor e a consideração publica, e sobram-nos forças para levar por deante a nossa empresa.

Pretendemos melhorar tanto quanto nos seja possivel A *Semana*, procurando tornal-a sempre mais interessante, mais util e mais agradável.

Dispensamo-nos de fazer grandes promessas. Não mais precisamos d'esse engodo para attrahir assignantes; além de que já temos dado provas sobejas do esmero, da solicitude e mesmo dos sacrificios com que fazemos a nossa folha.

Apenas diremos que das grandes novidades que estamos preparando será uma das primeiras um conto de *Lulú Senior*, o mais popular e mais engraçado dos redactores das *Balas de estalo*, da *Gazeta de Noticias*; conto especialmente escripto para nós e que será publicado com illustrações de Belmiro de Almeida.

Quanto ao mais... ha de soar, a seu tempo.

Concluindo, tem A *Semana* a honra de desejar a todas as pessoas de bom gosto que a assignam—BOAS SAHIDAS E MELHORES ENTRADAS.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O NATAL

O vosso dia risonho
Eis que surge, mocidade,
Vós que só tendes o sonho,
Vós que não tendes maldade.

Lindas crianças amadas,
Irmãs das garrulas aves,
O sol inunda as estradas
De resplendores suaves!

Os rosas vos dão perfumes,
O Olympo vos dá fulgores;
Vinde em trefegos cardumes:
Quero enramar-vos de flores.

Ide aos jardins aromantes,
E ao descante das cigarras,
Colhei pendões tremulantes
De campanulas bisarras.

Oh! que alegrias serenas!...
Voae celeres aos campos
Sobre o dorso das phalenas,
Nas azas dos pyrillamos!

O' vós, que sois vivas rosas,
Festões de rosas, meninos,
Ponde nas fronte mimosas;
Cantae da candura os hymnos!

Ouvi os doces trinados
Da passarada canora,
O' corpos abençoados
Feitos do brilho da Aurora!

Coróllas,—olentes cofres,—
Trazei, *babies*, p'ra colhor-les
Do orvalho os brancos aljofres,
Da relva nos mantos verdes.

Voam no ar, entre afagos,
Milhões de aves pipilantes...
O céu entorna nos lagos
Phosphorescencias brilhantes!...

O sol, com scctas de prata,
Da noite retalha os crepes...
Em todo o mundo ha reinata!
Ha risos pelos presepes!

O Azul é todo bonanças,
A Terra é toda boninas;
Folgae risonhas crianças,
Brincae, ó louras meninas!

Nos prados ha filigranas,
Saneças e leutejoulas:
Viude enfeitar-vos, ufanas;
Saltai por entre as papoulas!

O dia é de riso:—ride!
Salte ao ar Polichinello!...
Que ainda não vos aggride
A Dor! P'ra vos tudo é bello!

Quantos ornatos descubro
No mundo:—está todo em gala!
Da Alvorada o brilho rubro
Tinge as nuvens cor de opala.

Crianças, trepae ás frondes...
Saltae! subi aos outeiros,
Que andam por lá,—nem suppondes!
Os colibris forasteiros.

Dos vossos lindos brinquedos,
Que pendem da *arvore*, aos centos,
Reparti, meninos ledos,
Com os poquenos macilentos.

Que, enquanto folgae contentes,
Ha nas mansardas escuras
Crianças, que gemem doentes,
Curtindo mil amarguras!

O' descendentes de nobres,
Meninos neditos e guapos,
Beijae os outros, os pobres,
Embora envoltos em trapos!

Nem carinhos, nem regalos
Elles têm, os infelizes!
As suas mãos já têm callos,
Seus corpos têm cicatrizes!

Não têm roupagens de preço,
Não descendem de fidalgos;
Têm a brancura do gesso!
Têm a magreza dos galgos!

Vós tendes cama doirada,
Possuis brilhante nome...
E os tristes nem uma pada
De pão que lhes mate a fome!

Eia! á festa, satisfeitos!
Mas c'os pobres pequerruchos
De amenfoas e de confeitos
Reparti vossos cartuchos.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

A FADA BOA

Laurinha portou-se admiravelmente bem durante o anno inteiro, porisso a avósinha lhe dizia:

—Deixa estar que a Fada Boa não se ha de esquecer de ti pelo Natal.

Com essa esperança redobrava a pequenita de meiguice e docilidade.

A Fada Boa! que risonhas promessas ella faz ás crianças! Se ao bater da sua varinha de condão surgem bonecas bonitas e doces tão gostosos! A Fada Boa! que deliciosa creatura, como compensa os bons e pune os máos!...

Quando Laurinha, hoje de manhã, abriu os olhos vio ainda atravez das pestanas alguém recostado nas cambraias do seu traveseiro, uma encantadora bébé toda atufada em rendas! e ella despertou alegre... como o que de mais alegre houver no mundo.

A avósinha, solícita, estava a espreital-a, rio-se da alegria da neta e conton-lhe assim a visita da Fada:

—Hontem á noite estava tudo muito sosegado em casa; nem o cãozinho, nem o gato, nem mesmo um ratinho se mexia! Tu durmias quietinha, bem aninhada no colção-sinho fofo, sonhando naturalmente com pastilhas de chocolate, cerejas crystalisadas, *marrons glacés*; com umas dançarinas graciosas, de saiotos de renda, sapatinhos de setim, e com uns *pierrôts* cheios de guisados dourados e sonóros... Eu tinha feito as minhas orações, amarrado o lenço na cabeça e já ia apagar a vèla para dormir, quando ouvi bulha perto de casa. Voei para a janella, corri o fecho, escancarei as folhas e levantei a vidraça. A lua espalhava uma claridade diaphana, mas forte como a claridade do sol coada por um globo azul; voavam pelo ar nmas aves multicores e tão pequeninas que a mão de uma criança poderia escondel-as; nas pedras da calçada, que luziam como vidro, vinha um carrinho d'ouro puxado por oito veadinhas brancas, atreladas com fitas e flores e guiadas por um postilhão velhinho e alegre. Os animaes corriam velozes, o conductor assobiava-lhes, excitava-os com o seu chicotinho de cabo de esmeraldas. Como sòbem para o ceu as folhas seccas, impellidas pelo vento n'um redemoinho rajado, assim subio para o telhado o carrinho d'ouro.

Desceu então do tecto uma escada de lumes e pela escada a Fada Boa, vestida de azul e rendas. Atraz d'ella vinha o postilhão com longas barbas brancas de assucar-candi; os olhos eram duas amóras, e o nariz um morango.

Vinha a rir de alegria e todo a tremer como um podim de geleia. Era pançudosinho, fallador, trazia casaca de velludo verde, as pernas finas calçadas de meias de seda e fivellas nos sapatos, flor na *boutonière*, e um cofre de prata na mão...

Então a Fada tirou esta boneca do cofre e disse que se tu fores sempre boa, Laurinha, terás noutro Natal uma visita maior.

Subiram outra vez pela escada, o tecto abriu-se e fechou-se e tu durmias... durmias! Fui á janella; o carrinho voava arrebatado pelas veadinhas brancas; sobre as casas das crianças boas a Fada espalhava uma chuva de rosas, dizendo, até que a perdi de vista: —Boas festas!.. Boas festas!

Laurinha fez voto de bondade, vestio-se á pressa e foi contar, radiante de felicidade, o occorrido á mamãe...

JULIA LOPES

OS «BÉBÉS»

Os trefegos *bébés*,
As loiras criancinhas,
Gosto de ver nos pequeninos pés,
Cahindo e levantando tubiantes,
Mal ensaiando uns passos vacillantes,
Como um vôo as implumes andorinhas,
Os trefegos *bébés*,
As loiras criancinhas.

Aquella hesitação,
Aquella gentileza,
O candido sorriso e o gesto então,
Quando de mim se acercam, se as ajudo
A firmarem-se: tudo nellas, tudo,
Tem tal meiguice, e graça, e tal pureza,
Naquella hesitação,
Naquella gentileza,

Que me ponha a scismar
Se Deus não se enganara
Quando no mundo as veio e illocar,
Fasendo-as pequeninas para a terra
Que mais pe meua fez, que a não encerra,
Como não guarda o vidro a essencia rara...
E me ponho a scismar
Se Deus não se enganara!

Mes no quem sabe, enfim,
Se outro destino ti tham?
Se ás pequeninas — grandes fiz assim,
Porque as queria Deus nos sóes brilhantes,
E dos *bébés* os passos vacillantes
Sò por engano á terra os encaminham?
Mesmo quem sabe enfim
Se outro destino ti tham?

Que os trefegos *bébés*;
As loiras criancinhas,
Quando tentam firmar os breves pés,
Dão-me idé de aladas primaveras
Que a lejam para as celiças espheras,
Como no inverno um bando de andorinhas...
Os trefegos *bébés*,
As loiras criancinhas!

SOARES DE SOUZA JUNIOR

AQUI, ALI, ACOLA!

O *Café Procope*, que teve outr'ora tanta reputação acaba de desaparecer, ferido pela fallencia.

E' d'esse modo que aos poucos vai desaparecendo a *velha Paris*. Um dos antigos *cafés* ainda hoje de pé é o da *Regence*, celebre pelas partidas de xadrez, que ali se realisavam no seculo passado.

Era, com effeito, ali que se encontravam os jogadores de xadrez e os *bellos espiritos*... Por ali passaram successivamente, em épocas differentes, d'Alembert, Diderot, Marmontel, Chamfort, Robespierre, Bonaparte, Dumont-d'Urville, Labournaye, Mery, Musset, etc...

O *café de la Regence* lembra um facto commovente:

Robespierre ia ali de vez em quando fazer a sua partida de xadrez, jogo este de que era um grande amator.

Uma noite em que elle estava só á sua mesa do costume e esperando parceiro, foi sorprendido ao ver um moço imberbe, tímido, sentar-se-lhe defronte e offerecer-se para parceiro.

Robespierre accetou, e, cousa que nunca lhe acontecera, perdeu tres partidas seguidamente.

O tribuno, de bom humor nessa noite, não se mostrou contrariado.

—Perdi, disse elle; mas qual era o ganho?

Não fizemos condições.
—Accetou a aposta que eu tentonava fazer? pergunta-lhe o moço.
—De bom grado; respondeu Robespierre, que contava com algum pedido de dinheiro.

Então o moço tirou do bolso um papel e estendeu-lh'o, treinando.

Era uma folha de soltura para um prisioneiro da *Conciergerie* sob o nome de conde de... faltando só a assignatura para que a folha tivesse valor.

Robespierre franziu o sobrolho, hesitou um momento e depois assignou.

—Mas quem és tu? perguntou Robespierre, entregando-lhe o abençoado papel.

—Cidadão, respondeu o desconhecido com emoção, eu sou a noiva do conde.

ALFINETE.

O DIA DE NATAL

Nascera nesse dia glorioso a gentil heroina d'este conto, ha seis annos apenas. Onde estava? não se lhe ouvia o passo gracioso nem o rir argentino, sempre prompto a fugir-lhe dos labios; nem cantava. S'tava entretido o lindo cherubim num pavilhão ao fundo do jardim.

Vivia nelle a boa Josephina, santa velha que outr'ora acalentara a mãe da linda Estella. Quando a morte renhou Clotilde, a velha a pequenina ergueu do berço, e disse com voz clara, illuminada de um febril transporte: —Pomba! abre as azas brancas para a luz! Tua filha tem mãe. Vida, Jesus!

Desde então não parou: noites perdidas, fantasticas historias, mil folguedos, vestidinhos catitas, lindos nadas, bonecas logo vistas e esquecidas, beijos, caricias, mysticos segredos, conselhos, risos, cantos, crianças—enchiam-lhe a existencia de fulgor; mas... um dia—cegon! Que horrivel dôr!

O pae de Estella andava viajando desde que se apagará a nivea estrella que tanto, tanto amara; enfim, saudoso, voltou inesperado, e, recendo que o não amasse ainda a sua Estella, a elle, que chegava sequioso dos beijos d'essa flor angelical, quiz festejar a noite de Natal.

No meio do salão, muito em segredo, tinham armado uma arvore gigante. Era verde e frondosa, em baixo d'ella poderiam caber, seguramente, umas vinte crianças. Num instante ficou cheia de mimos. Quando Estella a visse, que faria? Deus do céu! Talvez chorasse e risse, que sei eu?

Josephina chorava muitas vezes por não poder mais ver o lindo anjinho que era toda a sua alma! O seu encanto dizia-lhe com fé:—Quero que rezes ao Pae do Céu pedindo um bocallinho de luz para os teus olhos; mas sem pranto! E' dia de meus annos, sabes bem, senão, Fífina, eu chorarei tambem.

A' noite foi chamada. Na saleta encontrou o papá, que a foi levando para o gran desalão; subitamente abriu-se a porta e, como a borboleta vendo a luz enlouquece, e cega, arfando, atira-se na luz, Estella, em frente a tanto brilho, a maravilhas taes correu, chorou e riu, até não mais.

As suas amiguinhas escondidas,
um bando de avesitas curiosas,
entraram a cantar alegremente;
começaram as danças, as corridas,
as gargalhadas claras e ruidosas;
era um conjuncto harmonico, eloquente!
Estella ria, ria... era feliz,
mas... de repente, pára, chora e diz:

Fifina, enquanto eu rio, ella padeco!
O pae do céu tirou-lhe a luz e o riso!
Não verá mais o campo e as flores bellas!
Não, não quero brincar... até parece
que sou ingrata e má. O paraíso
é o amor que me tem. Não quero cstrellas
que brilhem mais que as lagrymas de dor
que chora, quando a beijo.

Santo amor!

ADELINA A. LOPES VIEIRA!

«O DOMINGO»

O n.º 14 d'este bello semanario, que se publica em S. João d'El-Rey, sob a redacção dos jovens e talentosos escriptores Jorge Rodrigues e José Braga, trouxe-nos a mais delicada e mais grata surpresa!

Havendo sido solicitados Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida para colaborar n'O Domingo, corresponderam à amavel solicitação, enviando-lhe o que lhes foi possível no momento fazer.

Não poliam os nossos collegas deixar de corresponder por aquella forma ao honroso convite. Fazendo-o, cumpriram simplesmente — um dever.

Não o entendeu assim a illustrada e sympathica redacção d'O Domingo, que recebeu a visita dos nossos collegas com a gentileza e a generosidade com que o fallecido «rei-artista» recebia no seu feérico castello da Pena as pessoas que o visitavam.

Transcrevemos em seguida o que sobre os nossos referidos collegas escreveu O Domingo; e fazemo-lo unicamente para provar-lhe o quanto nos penhoraram os seus immerecidos favores.

Pedimos venia ao nosso distincto collega para transcrever de suas columnas o conto e o soneto dos nossos companheiros de redacção.

Ao Domingo a nossa profunda gratidão e sincera estima.

VALENTIM MAGALHÃES

Nenhum dos moços que nestes ultimos tempos cultivam a litteratura no Brazil conseguiu tão rapidamente alcançar tantos triumphos e salientar-se tão brillantemente na republica das nossas letras, como o illustre escriptor que hoje dignamente dirige A Semana.

Como estudante, em S. Paulo, já o applaudido poeta dos Cantos e Luctas, de parceria com Raymundo Corrêa, Alfonso Celso Junior, Augusto de Lima, Lucio de Mendonça e outras intelligencias superiores,—elevava a imprensa academica com a força vigorosa de seus bellissimos artigos, com a harmonia de seus versos primorosos; illustrava a tribuna com a fluencia de sua palavra entusiasta e erguida sempre em favor d'esses levantados principios, d'essas aspirações nobres, que a mocidade generosa de continuo defende ao clarão das vivas crentes, ainda não maculadas

ao contacto de ambições vulgares;— dava, enfim, aos seus collegas provas de uma dedicação ao trabalho, de um amor ás letras,—que deviam servir de exemplo ás gerações novas, que na Academia se succellessem.

Depois de formado, e, o que é mais, depois de casado, não descançou um momento Valentim Magalhães no labutar incessante a que entregava o seu talento, produzindo sempre muitas poesias bem acabadas, contos, phantazias, critica litteraria e até artigos sobre... politica!

Continuou a dar provas reiteradas de sua opulenta imaginação e da sua invencivel tendencia para as lutas porfiadas do jornalismo.

Mais tar le entrou para a redacção da Gazeta de Noticias. Ali obteve o seu maior successo como jornalista — as Notas á margem

Manejando com certa habilidade a critica satyrica, apreciando os factos au jour le jour com muita promptidão e muito espirito, activo, illustrado, audaz, fez com que a Gazeta obtivesse mais 50 por cento das sympathias de que gozava então, por causa das suas — notas.

Como todos os escriptores, ou antes: como todos os batalhadores, teve dias... que não devem figurar entre as gratas recordações do jovem escriptor.

Mais de uma vez as Notas á margem resvalaram para o terreno perigoso das questões individuaes; mais de uma vez ellas se esqueceram do largo caminho luminoso por onde seguiam a colher laureis, para enveredarem,—em horas de má humor ou de mal contidos resentimentos—por veredas tortuosas de recriminações ferinas e de acres admoestação nascidas de uns desaccordos, muitas vezes manifestados mais pelo desejo de discutir que pela vontade de offender justos melindres, ou de negar incontestaveis meritos.

Como escuras nuvensitas esfumando-se em azulado céu, amplamente radiante, essas notas passaram e foram-se... como aves agoureiras, foragidas de estranhos lares, procurando bem longe novos climas, de onde não voltarão jamais...

E V. Magalhães voltou ao seu caminho de outrora, aos hymnos triumphaes dos seus vinte annos, e continuou a receber os applausos e os louvores destinados aos que se distinguem na arena galhardamente.

Deixando a Gazeta de Noticias, facto este que causou dolorosa impressão entre os seus muitos admiradores, consagrou-se mais á Semana, que fundara pouco antes, e com tal criterio e aptidão tem orientado a sua folha, que ella hoje goza de uma grande acceitação merecida, como o primeiro jornal litterario, que é, do paiz.

Laborioso como poucos, interessando-se sinceramente pelo progresso das letras patrias, Valentim Magalhães presta-lhe, com sua penna valente e incançavel, o mais animador auxilio.

Publicou tres obras: (*) um magnifico livro de versos—Cantos e Luctas; um delicado poemeto—Colombo e Neué; uma parodia em verso á Morte de D. Juan—A Vida de seu Juca, (**) e tem no prelo um livro com Vinte Contos, que é só destinado aos ditos assignantes d'A Semana.

Da nova geração de escriptores talvez seja o que mais tenha trabalhado no jornalismo, e sempre com distincção. Moço ainda como é, se proseguir, como é licito esperar, nesse nobre esforço de não deixar succumbir de todo a littera-

o amabilissimo escriptor e que ceuse de mencionar os Cua tros e contos.

(**) Esta obra foi escripta em e laborada com Henri de Magalhães.

N. DA R.

tura brasileira, elle e os poucos que o acompanham no labor continuado não de concorrer muito para eleva-la.

Não nos propuzemos a escrever um esboço biographico do laureado escriptor, porque tanto não comportavam os limites do espaço de que dispomos hoje.

O que ali vac dito é apenas um preito ao talento provalo do illustre collega d'A Semana e uma expressio do nosso —reconhecimento.

Este reconhecimento é inspirado pela amabilidade com que V. Magalhães nos proporcionou occasião de causar aos nossos leitores uma agradável surpresa.

Adiante publicamos um mimoso conto do conhecido litterato, escripto especialmente para honrar as modestas columnas d'O Domingo.

Estamos convencidos de que os leitores não de apreciar devidamente o delicioso mimo, que, justamente desvanecidos, lhes offerecemos hoje.

SONETO

Filinto d'Almeida, o poeta inspiradissimo e de fina tempera, que conhece todos os divinos mysterios, todas as mysteriosas harmonias do metro, o espi-rituoso prosador, o companheiro de Valentim Magalhães n'A Semana, Filinto d'Almeida com todo o seu cavalheirismo, com toda a sua gentileza, dignou-se de enviar-nos uma eucantadora melodia de sua lyra invejavel, um lampejo de sua inspiração delicada e insinuante, para scintillar nas paginas d'O Domingo, como radiação feliz de uma boa nova, que ha de por força causar aos nossos leitores grata sensação de alegria extrema.

Não temos necessidade de chamar todas as attentções para o soneto Novo Bem.

O nome que o subscrive e por si só — uma attracção.

(D' O Domingo)

AS CRIANÇAS

As crianças são como as alvoradas:
Roseas e lindas; logo muito cedo,
De manhã, nos bercinhos levantadas,
Do secco do lar sentindo me'lo,

Chamam a grande luz: — a má: quer'ia.
E pouco a pouco refulgentes, ellas,
D'essa sublime luz que lhes dá vida,
Brilham alegres pela casa e belas.

ARTHUR MENDES.

CONTOS A PREMIO

(Vide n.º 17 d'A Semana.)

Além dos annunciados, recebemos mais o do Sr. Victor Zero.

OBJECTO DE AMOR

Quando Eduardo sahio da casa do corrector era tarde, muito tarde, quasi meia noite.

Apenas chegado á rua, enterrou com um gesto desesperado o chapéu na cabeça, e, sem ao menos voltar-se para cortejar o bom velhote que lhe allumiava do alto, com o castiçal erguido, a escalaria longa e estreita, entrou a caminhar apressadamente, como levado por uma grande afflicção.

Choviscava forte; mas elle parecia não perceber-o, pois tinha o guarda-chuva fechado na mão esquerda, enquanto com a direita erguia a bocca e retirava o charuto, que ardia rapidamente.

Ao passar por um café aberto, fartamente illuminado, deteve-se um instante, como interdito, olhando para dentro; mas depois entrou, sentou-se à mesa, pediu cognac, esgotou o calice, de um trago, pagou, agarron nervosamente no primeiro jornal que viu, percorren-lhe algumas linhas com os olhos inquietos e rubros como duas brazas, atirou o jornal com um sobresalto e sahio com arrenesso, levando estampada no rosto uma afflicção indizível.

Seu espirito devia estar se debaten-lo em tremenda luta angustiosa.

Vagou assim pelas ruas muito tempo.

Por fim (soava nos sinos uma hora da madrugada) encontrou-se em frente da porta de sua casa.

Esteve alguns instantes parado, consultou automaticamente o relógio à luz de um phosphoro,—esquecido de que naquella mesma instante havia batido uma hora—fez um gesto para abrir a porta e logo outro para partir de novo; sentou-se depois na soleira, com o rosto fechado nas mãos, o guarda-chuva ao lado.

Um rondante,—ao passar-lhe por de frente—deteve-se, vendo-o; bateu-lhe no hombro:

— Que faz aqui, camarada? mas, reconhecendo-o, exclamou com voz mesclada de espanto e respeito:

— Perião, seu doutor...

Eduardo, com o rosto afogueado de vergonha, ergueu-se, como impellido por uma mola, balbucian-lo:

— Uma indisposição subita... Mas não é nada. Obrigalo.

Metteu a chave, abriu a porta, fechou-a por dentro e subio lesto as escadas.

II

No vasto quarto luxuoso velava uma lamparina mortica.

Sobre o largo leito de *ricur chène* lavado, Lucia dormia em delicioso desalinho. A alvura do bello collo e dos braços esculpturaes, emersos das orelhas de renda, tinha reflexos lacteos. A cabeça, derreca sobre um travesseiro, pedia, em sua deslumbrante formosura dormente, um beijo de artista, um d'esses beijos de que nascem as obras primas da litteratura e da arte.

O seio arfava mollemente, a bocca sorria como uma rosa entreabrindo-se à noite aos beijos do orvalho... o corpo, abanlonado ao somno, tinha tentações mais lascivas que o *Cantico dos Canticos*...

Eduardo ao ver a mulher fez um gesto de tédio. Aproximou-se, sentou-se numa cadeira em frente do leito e poz-se a contemplar muda e longamente a esposa, mas de modo que não parecia vê-la, pensando em cousas graves e remotas.

Subito, como n'um sonho de sonambuloso, começou a monologar:

— Perdido! Estou perdido! Não ha ninguém mais que me possa aconselhar, ninguém que me possa arrancar d'esta situação horrivel! E, entretanto, eu estaria salvo se tivesse alguém que me amasse devêras; porque esse alguém saberia encontrar em seu coração um meio de me salvar...

Foi então que pareceu ver Lucia. Teve um frémito, o rosto illuminou-se-lhe vivamente em subita alegria. Atirou-se para o leito, ia acordar a mulher, ia ouvir d'ella a palavra salvadora...

— Lucia! Lucia!

A rapariga entreabriu os olhos, cheios

de somno, espreguicou-se, desnudando o seu formoso busto de Venus e voltou-se para o outro lado, adormecendo de novo.

Eduardo levou então as mãos à cabeça com desespero, e do seu labio frio, contrahido num rictus de desespero terrivel, cahiram sobre aquella esplendida mulher adormecida,—cahiram como gotas de chamma,—estas palavras:

— Desgracado! Esquecia-me que não é do teu corpo que preciso agora! É's unicamente um objecto... de amor!

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio, 10 de Dezembro.

(D'O Domingo.)

NOVO BEM

Que já de triste não sou
Por mim, nem pelo meu mal.

— BERNARDIM RIBEIRO.

Se este Bem que eu te devo não devera,
Certo que o mal que eu tinha me matara;
No coração, hydra roaz, ficara,
Nos recessos do peito se escondera.

Mas tu veste como a Primavera;
Refleira minh'alma e morta seira;
Tanto que ouvio minh'alma essa voz clara
Deixou de ser o mal que d'antes era.

Agora, inuito que outro mal tu me fira,
É' tão intenso o bem que eu tenho agora,
Que, mais que todo o mal, vigas e perdura.

Elle é que me concerta os sons da lyra,
Elle é que me sustenta e me avigora,
Dan-to-me a vida por me dar ventura.

1885, Dezembro 6.

FILINTO D'ALMEIDA

(D'O Domingo.)

CORREIO LITTERARIO

ECCE IYERUM... ENEAS

Volta-me, um ineditorial da *Gazeta de Noticias* de hoje, o auctor das *Miragens*, a fallar em lealdade, que me nega, e em habilidade, que me outorga, a proposito dos plagios que lhe censurei.

Não levo a mal a insistencia, ainda que o assumpto já se me vae tornando pouco interessante; quanto mais aos leitores! O classico homonymo carregava aos hombros, sem que lhe pesasse, o pae Anchises,

Ipsa subibo humeris, nec me labor iste gravabit; este Enéas a si impõe o gostoso peso de salvar, fugindo, os teiros pequerruchos. Faz bem, que este *parvus Iulus*, por exemplo, estava mal se tivesse de andar, como o outro, pelo seu proprio pé:

Então pelo negror das campas obscuras.

Desleal e habil chama-me Enéas; desembaraçado e finório parece-me elle.

É', devêras desembaraçado, entre tantos plagios que lhe provei, confrontando versos d'elle com versos de Crespo, na *Semana* de 5 deste mez, sair-se apenas em defezo do plagio mais leve, que se dá entre o seu *Noivo* e a *Noiva das Minuturas*. Disse eu e confimo que não se parecem so no titulo; para o demonstrar citei o final da *Voira*:

E o noivo diz: «Eulim!» e o final do *Noivo*:

O noivo amplifica aquella noite infinda.

Aqui a empalmação litteraria não se

põle dizer de gatuno vulgar; mas, ainda assim, não precisa grande habilidade para apprehender o em que ella consiste: a idéa predominante, com que remata uma como outra poesia, é a ancia do noivo para se achiar a sos com a noiva, anhele que, nos versos de Crespo, a noite, *enfim*, realisa, e que, nos versos de Enéas, os convidados prolongam com um baile *infindo*.

Ora, havendo eu expressamente, pela transcripção, circumscripto o plagio a essa idéa final, a que vem a garbosa reprodução dos dois sonetos inteiros, para maior clareza—do que estava clarissimo?

E não é tambem desembaraço desafiarme para transcrever, de par com os seus, os versos de Crespo a que foi collôr idéas, quando isso mesmo, exactissimamente isso, foi o que já fiz no alludido artigo do dia 5?

O protesto de Enéas na despedida, é vaidoso: eu não escrevo para ter a honra da sua resposta; se não fosse o appêlo que fez aos meus sentimentos de amigo da verdade, ter-me-hia forrado ao tédio de lhe replicar. O que, para acabar, diz, ou insinúa, do meu nome, é uma asnidale tão vã que nem me toca, nem en tella.

Fica no chão.

Valença, 20 de Dezembro.

LUCIO DE MENDONÇA.

BOLOS

Para nos a Providencia tem a forma extravagante de um *cavignac*.

Quando apparece no horizonte um d'esses alongados espanadores subqueixaes, nos exultamos de puro jubilo, e desengouçamo-nos tolo em alegrias turbulentas.

Nos, que do alto d'estas columnas, como um propheta da Biblia, temos lançado aos povos do municipio neutro a luz irradiante da nossa palavra, engalanada sempre de bisalharias classicas, e arrejada bastantes vezes por caprichos de vernaculidade puritana e escolhida; nós, que ajudamos a moralidade litteraria e jornalística no intento de destruir a sandice chronica da *Folha Nova* e le deslappar o tão insulso quão ingenno *Quidam* do sopêdo *Jornal do Commercio*; nós, que temos trabalhado como um moiro em prol do velho santo *Bom Senso* martyr, e que ainda nos não encontramos diplomado pelo suffragio universal da Ilha das Cobras para uma curul vitalicia no arceopago do Campo de Sant'Anna;—nos não queriamos que a ultima *Semana* d'este anno deixasse de apparecer illuminada por esta hilariante secção.

Mas bolos são coisa preciosa, que se não distribue a torto e a direito, porém com applicação directa num dado individuo ou num.la lo caso; a feição da generalidade não se compadece com os intitos que lhes deram origem, coisante declaramos nas palavras preambulares dos primeiros.

Andavamos, pois, á cata de umas mãos delinquentes, nas quaes pudesse-mos descarregar a nossa férula correctora, eis senão quando a Providencia, sollicita, faz apparecer nos *Apedidos*,— especie de Ilha de Sapucaia do *Pachiderme*,—a cabelluda touceira invertida que se dependura do meuto microcosmico de Maximiano Pimenta!

Lá está elle, o famoso *cavignac* do Carlos Malagueta, no *Jornal* do dia 23!

Vem damnado! To-lo lesnado em pegonha amara, parece uma vassoura que acabasse de esmagar trezentos milhões de aranhas pançadas!

Felizmente, d'esta vez a colera de Maximiano cae sobre Arthur Azevedo, que tem hombros herculeos e sabe transmutar em clava heroica o gracioso calamo que lhe traça as gallanices despretensiosas e folgazans do estylo facil.

Pelos bofes de um crocodillo! que tem ruindade por dez este Malagueta!

Vio dois amigos em via de se deshaverem por amor de uma futilidade, vio que esses dois amigos reconheceram a tempo o errado caminho que levavam e retrocederam num bom abraço, seguindo juntos a larga estrada da boa e sincera amizade; e, ao invéz de se regosijar, como collega, do opt mo resultado da denuncia, vem por ahí abaixo a descompor um d'esses amigos, só por que este trasladou da bocca de um burguez desoccupado um dicto innocente que se lhe referia, a elle Maximiano.

Desgraçada Pimenta! Que demonio de toxico se lhe derramaria no figado, ao nascedoiro, que ain lá hoje, ao voltar dos bem puxados quarenta, mal a gente lhe aperta um pouco os illaes, segrega e espirra a bilis temperada de assafetida que lhe subministra os argumentos nas questões ainda as mais simples, ou sejam de pura arte, ou sejam de letras, ou apenas de futil melindre pessoal!

Este infeliz precisa de um figado novo, ainda que seja de papelão. Assim como está, um bello dia, descuidada a Junta de hygiene, arrebenta por ahí e dá cabo de toda a população—empestando-a.

Snr. Coliva! celebra lo scenographo, tenha a bondade de arranjar um figado pintado ali para o sr. Laet.

CHICO FÉRULA.

SPORT

Realisaram-se no ultimo domingo as corridas do *Derby-Club* que tiveram a maior animação e uma verdadeira enchente.

No 1.º pareo, de doze animaes inscriptos, só dois ou tres não correram e os demais foram batidos em 1450 metros por *Eucharis* que apezar dos 65 kilos fez a corrida em 103 segundos, sendo acompanhada por *Savana*. *Sirodio* desanimou, *Crichauá* ficou de crista cahida, *Zaire* zurrou com as vergalhadadas, *Coude* perdeu o titulo e *Didi* chorou como uma criança.

No 2.º pareo 1200 metros foi um verdadeiro «entra Juca e arreda manduca», ainda *Aurora* não vinha raiando e já *Alteza* na bagagem, consolando a *Arauha* e afastando-se do *Douro*. O resultado é que apenas ficaram em scena *Boyardo*, *Aymori* e *Mandurim*, que dançaram uma succulenta quadrilha obrigada a chicoteamento na recta e a estender o pescoço *Mandurim* ao chegar ao posto do vencedor. A *musica* foi feita em 82 segundos e os professores lamberam-se com D\$800..... para cigarros.

O povo pintou o sete e custou a acomodar-se, precisando que lhe fossem ao lombo com algumas espaleiradas.

No 3.º pareo *Bayocco* por um triz dá um beneficio em favor do velho *Guano*, que fez um figurão nos 1750 metros, obrigando o primeiro a ganhar, bem sovadinho em 122 segundos. Que rombo que ia havendo nas fileiras! Felizmente o Firmino é firme e o Antonio Branco cabiu na tinta. *Druid* e *Regalia* assistiram de longe á briga dos dois.

No 4.º pareo *The-Witch* fez bonita figura ao lado de *Contesse d'Olonne* que percorreu os 1600 metros em 108 segundos. *Malstron* carregou a mala, queremos dizer a bagagem.

No 5.º pareo a *Carmen* mostrou que está ficando muito araponga. *Sibylla* tomam-lo a frente percorreu os 2000 metros em 137 segundos e apenas consentiu que *Dora* a acompanhasse como criada grave. *Nicoafi* encavacou com o tiro.

O heroe do dia foi o *Borcas*.

Não o conhecem? Pois é aquelle mesmo bagageiro dos 1750 metros, quando *Talisman*, como uma pedreira, arrebetou em cima do xé-povinho. *Boreas* batendo *Sylvia II* em 1609 metros e 106 segundos demonstrou o que temos dito, isto é, que de 1000 metros para cima é o primeiro producto nacional.

Talisman bem que o chamava de longe e queria roçar pello ao menos uma vez. Mas *Borcas* continuava em sua carreira vertiginosa e só dizia: *nada de musicas*.

Chegamos ao 7.º pareo. Sim, senhor! Cumprimentamos a Coudelaria Alliança. E' o que se chama um tiro em regra. *Charibdes* ganhou perfeitamente e desde que chegou ao posto do vencedor em 63 segundos, os apostadores só têm de chorar na cama que é logar quente, nada poden-lo perguntar nem sobre *Gaudriole*, nem sobre *Neva* que ainda, surrados que fossem, não deram em publico aquella esplendida prova, que era especialidade da *Aspazia*—E' caso de dizer-se para a orchestra: o chocolate acabou-se. O peor é que *The Witch* esteve quasi não quasi a entornar a bandeja.

A vinte e um do corrente a sociedade *Hippodromo Fluminense* procedeu a eleição de sua definitiva directoria, que ficou assim organizada:

Presidente—Dr. Francisco Corrêa Diniz.

Vice-Presidente—Dr. A. Pinheiro Junior.

1.º Secretario—Tenente Paulo Fabygraf.

2.º Secretario—Snr. João Chaves.

Thesoureiro—Dr. Moreira Sampaio.

E' de esperar que o *Hippodromo Fluminense*, que realisou amanhã sua segunda corrida, tenha uma enchente igual á da inauguração e que todo o divertimento corra na melhor ordem.

Os pareos são interessantissimos e tão duvidosos que não nos animamos a dar nosso palpite.

L. M. BASTOS.

THEATROS

A amabilidade do nosso estimado collega Arthur Azevedo devemos o prazer de hoje publicar a letra do *rondó* que tem *A Semana* de cantar no *Bilontra*. A musica é do maestro Miguel Cardoso. Tivemos occasião de ouvi-la.

E' uma valsa leve, saltitante, travessa, lindissima.

Aos actores do *Bilontra* os sinceros agradecimentos d'*A Semana*.

Eis o

RONDÓ

Eu sou a *Semana*, menina garbosa,
Que, apenas nascida, já dá que fallar!
Não ha quem me venha no verso ou na prosa:
Victorias brilhantes pretendo ganhar!
Comquanto na corte jornaes litterarios
Sem mil sacrificios não possam vingar,
En zombo deis fúias dos ventos contrarios,
Alegre e contente—vivendo a cantar,
Sonetos, romances, charadas, artigos,
De tudo e por tudo vos posso offertar!
Se acaso me ler les, screis meus amigos,
Não tendo o costume de ler sem pagar!
Eu sou a *Semana*, etc.»

Com o drama—*O Domador de Feras* fez beneficio na noite de 23 do corrente, no *Recreio Dramatico*, a distincta actriz Helena Cavalier.

A concorrência foi magnifica. O que não admira, pois a beneficiada, além das sympathias que gosa do nosso publico, escolheu para a sua festa uma peça ain lá não representada nos palcos d'esta heroica e leal cidade.

O Domador de Feras é um drama em 5 actos e 6 quadros, recheiado de situações dramaticas, de lances supinamente commoventes e capazes de arrancar lagrimas...ao chafariz do Lagarto.

Ha nelle muitos assassinatos, muitos tiros e etc. Puderam-se é devido á penna de D'Ennery e Ch. Edmond, dois sujeitos capazes de fazer chorar as pedras com os seus dramalhões.

A empresa do *Recreio* caprichou na montagem d'*O Domador de Feras*. Nada ha a pedir. O trabalho de scenographia é muito bom, destacando-se o scenario do quarto quadro feito pelo scenographo Orestes Coliva; é um primor! Aquella cascata de agua natural, de agua de *verdade*, correndo pelo palco, é surprehen lente, e é uma verdadeira novidade.

Parabens ao Sr. Coliva.

Quanto ao desempenho do drama, foi bom. Helena Cavalier comprehendeu perfeitamente o seu papel de Thereza.

Dias Braga egualmente o de Mardoche.

Balbina foi muito bem no de Margarida, Lisboa fez o que ponde para dar-nos um bom Jorge D'Harley.

Maggioli, Castro e os outros, apezar da pouca importancia de seus papeis, portaram-se como bons actores que são.

Em um dos nossos theatros realisar-se-á brevemente a estrêa e beneficio da interessante e intelligente actrizinha Corina. Esperamos que o publico concorrerá a essa festa, que promete ser magnifica, pois o programma, que será publicado proximo, é muito escolhido.

FACTOS E NOTICIAS

Julio Ribeiro, noticia o *Diario Mercantil*, vae crear em Santos uma folha hebdomadaria á feição d'*A Semana*.

Intitular-se-á *A Procellaria*.

Vicente de Carvalho, o festejado poeta, fará parte da redacção. Julio Ribeiro conta com a collaboração assidua de varios escriptores de nomeada.

O primeiro numero deve apparecer em Janeiro proximo.

Esperamol-o ansiosamente.

CONTOS INFANTIS

Da *Gazeta de Noticias*, de 21 do corrente, transcrevemos a descripção do bello sarau litterario, e fazemol-o porque não poderiamos dar conta d'essa reunião melhor do que o fez o nosso amavel e importante collega, cujas palavras fazemos nossas.

Eis a noticia:

Ente-hontem houve em casa do Dr. J. M. Velho da Silva um magnifico sarau litterario, de character inteiramente particular e intimo.

Entre escriptores, poetas, professores publicos, etc., achavam-se presentes á selecta reunião os Srs. barões de Paranaipicaba e de S. Felix, Drs. Valentim Magalhães, José Lino de Almeida, Ernesto Coutinho, Victorio da Costa, Srs. Filinto de Almeida, H. de Magalhães e outros cavalheiros das nossas lettras.

O fim da reunião era a leitura de um volume de contos em prosa e verso, para crianças, que, sob o singelo título de *Contos Infantis*, vão publicar as distinctissimas escriptoras DD. Adelina Amelia Lopes Vieira e Julia Lopes.

O Sr. Dr. Valentim Silveira Lopes, habilissimo clinico, director do hospital da Misericordia de Campinas, expoz, na sua qualidade de pai das auctoras, o motivo da reunião e os intuitos da obra.

A leitura foi feita pelas proprias auctoras, sempre com um successo ruidoso e franco. Alguns d'esses pequenos contos desprezenciosos commoveram profundamente o auditorio, que prompia de quando em quando em exclamações de enthusiasmo. Os contos são na verdade admiraveis de simplicidade, de bom e puro estylo, de correcção e de acabamento.

Naquellas pequenas historias escriptas com toda a segurança de traços, ha grandes e utilissimas lições de moral, um grande trabalho destinado a concorrer poderosamente para a educação affectiva e sentimental das crianças e para uma certa direcção intellectual, que sem duvida se não aprende em nenhum dos livros infantis aoptados pelas nossas escolas de instrucção primaria.

O livro vae apparecer brevemente, e então o publico terá occasião de examinar esta bella obra, unica no seu genero em portuguez, e verá quanta arte e quanto talento, quanta observação e sciencia da vida ha naquellas paginas, onde se sente palpitem, com toda a vehemencia, todos os thesouros de sentimento de dois corações de mulher.

O illustre Sr. Dr. Victorio da Costa, inspector geral da instrucção publica, foi dos que mais apreciaram o trabalho das duas gentis escriptoras, o que nos faz esperar que elle seja adoptado para as escolas primarias, o que será um assignalado e grande serviço feito á instrucção e, por consequencia, ao futuro do Brazil.

DOIS MIMOS

Nos boulevards de Paris, nas squares de Londres, nas avenidas de Bruxellas, nas praças de Lisboa, nas ruas de Yedo e até nos beccos de Pekin—o assumpto principal da conversação dos *touristes*, dos *flaneurs* e dos leões da *haute gomme*, é o bom gosto, a elegancia, o exquisito e raro capricho que na America meridional se nota na estupidamente conhecida papelaria (Guimarães & Ferdinando, situada na cidade do Rio de Janeiro, á rua do Ouvidor, bem na esquina da rua do Carmo).

Ø Joaquim Guimarães, o 29, honra e gloria da papelada nacional, tem espalhado a fama da sua casa desde o Novo Mundo até os confins do Globo! (1)

Quando chega o fim do anno e elle começa a distribuir as suas folhinhas e os seus cartões e mimos de *boas festas*, toda a Europa estremece de inveja e lamenta-se até ás lagrymas por não poder ser fregueza do nunca visto emporio do papel, dos *enveloppes* e dos *chromos*!

Este anno, o demouio do Guimarães, offereceu-uos uma folhinha *épatante*, onde se vé um busto de mulher formosissima, ideal, digna da palheta Inbrica e languorosa de Cabanel; uma mulher que parece ser a propria Primavera, irradiando o seu immenso orgulho de noiva universal!

Além d'esta preciosa folhinha, digna de figurar nas colleções do fallecido rei

(1) Não confundir com os hotéis dos mesmos titulos

D. Fernando, offereceu-nos tambem uma deslumbrante *corbeille*, ornada dos nomes e pseudonymos de alguns collaboradores d'*A Semana*, precioso trabalho de penna, executado pelo primoroso calligrapho V. Figueiró.

Ahi fica o agradecimento e o puff... agora, se nos quizerem mandar tambem um annuncio da casa, não seremos nos quem o recuse... não; isso nunca!

Partio em dias da semana passada para Campinas, onde reside, o Sr. Dr. Valentim Lopes, com sua Exma. familia.

Chegou da Bahia, havendo sido approvedo no 2º anno do curso medico o distincto moço Sr. Heitor Murat.

Tem estado gravemente enferma a distincta compositora D. Francisca Gonzaga. Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

CONSULTAS

Ao assignante que nos remetteu uma consulta sobre use certo testamento de verá ser executado no juizo da Provedoria, não a have ido assignado, e tendo-se extraviado a carta que a acompanhava, rogamos o favor de nos comunicar o seu nome e residencia, para lhe endereçarmos a resposta.

TRATOS Á BOLA

Tratistas, deitada a minha benção sobre vossas cabeças, começarei por vos desejar boas festas.

Não ignoraes, de certo, que é de bom gosto, entre a gente civilizada, presentear os amigos no dia de Natal; ora, eu que tenho a ventura de me não considerar no numero dos vossos inimigos, espero que vos não esqueçaes d'este bom frade, que, com os succulentos pratinhos das boas charadas, vos delicia pontualmente, todas as semanas, o paladar do intellecto.

Eu com tudo me contento. E' bastante que cada um de vós me mande, não direi uma pipa, mas unicamente uma caixa do bello vinho do Porto, ou do corroborante Malvasia, para que nade a minh'alma num oceano de contentamento!

E dito isto, vou tratando de declarar quaes os felizes mortaes que d'esta vez decidiram a charadancia passada.

Foram elles os Srs. *Fricinal Vassico*, *José Victor da Silva*, *O Paiz* (jornal), *Pépe*, *Zé dos Pasteis*, e *D. Josephina B.*

Tiveram porém a dita de ser premiados o Sr. *Pépe*, e *O Paiz*; que podem mandar buscar os seus premios.

As decifrações são estas:
Da microscopica:—*Continuação*;
Da actual:—*Sol*;
Da bisada:—*Chaveta, chata*;
Da antiga:—*Matilde*;
Do logogrypho:—*Semana*.

Agora é que eu quero ver quem tem garrafas vacias para vender! qual será o menino bonito que ponha em pratos limpos tudo o que me vae escorrer dos bicos da religiosa penna por esta encosta abaixo:

LOGOGRYPHO

Em aqui serci um homem—7,6,9,2,6, 4, 13, 5.
Morre-se aqui destemido.—1,8,12,5,11,6.
E' bem custoso se ver.—14,6,4,15.
Este manjar conhecido.—10, 11,3,13,7,15.

—Um poeta.—
O Satanaz.

NOVISSIMAS

1—2—1—1.—Não lhe é favoravel no cavallo, e quando não é seria, esta letra, que é ave.

1—1—1—1. Na corda, este verbo não nega a preposição que não é velha.

1—2—2—E' verbo, e não traz roupa quando corre este homem.

CHARADA-LOGOGRYPHO

Diz-nos que parta, que siga,
Sem jamais se demorar—1.
Mas estes, (deixe que eu diga)
Nos podem muito ensinar.—2.

Prende a pedra preciosa
E no sapato a ha de ver,—2.
Embora sem ser formosa,
Mui dignos so quer dizer—2.

CONCEITO

Isto nada representa, 9, 8, 3, 2.
Resoluto e destemido, 4, 8, 11, 4, 2.
No navio se apresenta—6,5,3,7,1,10,11.
E' primeiro (está vencido?) 1, 3, 2, 4, 2.

Josephina B.

A	C	D	E	I	M	N	O	P
1	1	2	4	1	3	1	4	2
G R T U								
			1	2	3	3		

Formar um adverbio com as letras acima, repetidas tantas vezes quantas os algarismos designam.

PREMIOS:

Os dois felizardos que os merecerem, não de ter occasião de lambor os beijos e gritar por mais. Abençoa-vos a todos satisfeitissimo, o vosso *pater* espirital

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 30.

HIPPODROMO FLUMINENSE

PROGRAMMA DAS GRANDES CORRIDAS

DE DOMINGO 27 DE DEZEMBRO DE 1885

AO MEIO-DIA EM PONTO

Primeiro parco—REGENERAÇÃO—1.020 metros—Animaes nacionaes de 3 annos até meio sangue—Prêmios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1 <i>Nicoafy</i>	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	43 kilos	Encarnado e ouro.....	M. P.
2 <i>Araby</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3 <i>Vampa</i>	Zaino.....	3 »	Rio Grande..	48 »	Grénat e bonet azul.....	Coud. Paraizo.
4 <i>Aurora</i>	Alazão tost..	3 »	S. Paulo.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5 <i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Encarna lo e ouro.....	Pelagio de Magalhães.

Segundo parco—OITO DE DEZEMBRO—800 metros—Animaes peludos de qualquer paiz—Prêmios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo

1 <i>Orione</i>	Alazão.....	4 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
2 <i>Zaire</i>	Libuno.....	4 »	Paraná.....	53 »	Rosa e ouro.....	Machado Gomes.
3 <i>Sultão</i>	Idem.....	3 »	Minas Geraes	50 »	Grénat e bonet azul.....	J. F. Vaz.
4 <i>Baguassú</i>	Rosilho.....	5 »	Paraná.....	55 »	Vermelho.....	
5 <i>Taquary</i>	Picarco.....	7 »	R. Gr. do Sul.	55 »	Encarna lo.....	J. V.
6 <i>Conde</i>	Castanho.....	6 »	Paraná.....	53 »	Vermelho e azul.....	Coudelaria Alliança.
7 <i>Crichaná</i>	Chita.....	6 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Idem.
8 <i>Bisão</i>	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	60 »	Verde e amarello.....	José Cruz.
9 <i>Mayatú</i>	Rosilho.....	4 »	Minas-Geraes	52 »	Jaqueta br. e bonet preto..	H. P.
10 <i>Barbara</i>	Idem.....	3 »	R. Gr. do Sul.	53 »	Azul e ouro.....	Manuel Ribeiro.
11 <i>Savana</i>	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco e verde.....	C.
12 <i>Serodio</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	55 »	Ouro e encarnado.....	J.

Terceiro parco—ENSAIO—1.350 metros—Animaes nacionaes até meio sangue—Prêmios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1 <i>Bonita</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Encarnado e branco.....	J. P. Machado.
2 <i>Aranha</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3 <i>Aymoré</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4 <i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	51 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
5 <i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6 <i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Encarnado e ouro.....	Pelagio de Magalhães.

Quarto parco—CARRIS URBANOS—1.600 metros—Animaes de qualquer paiz—Prêmios: ao primeiro 50 % e 10 % ao segundo da renda líquida do parco—Entrada 30\$000

1 <i>La-Linda</i>	Castanho.....	5 annos	Rio da Prata.	57 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2 <i>Flora</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	57 »	Azul e encarnado.....	J. M.
3 <i>Jaguary</i>	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Encarnado, branco e ouro..	R. V.
4 <i>Saphira</i>	Zaino.....	3 »	França.....	54 »	Branco e vermelho.....	A. Soares.

Quinto parco—CONCURSO—1.350 metros—Animaes até meio sangue—Prêmios 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1 <i>Nicoafy</i>	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	48 kilos	Encarnado, e ouro.....	M. P.
2 <i>Aymoré</i>	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3 <i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	51 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
4 <i>Flora</i>	Castanho.....	5 »	Rio da Prata.	55 »	Azul e encarnado.....	J. M.
5 <i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6 <i>La Linda</i>	Castanho.....	5 »	Rio da Prata.	57 »	Preto e encarnado.....	L. W.

Sexto parco—OMNIBUS—800 metros—Animaes de menos de meio sangue—Prêmios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo

1 <i>Orione</i>	Alazão.....	4 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
2 <i>Zaire</i>	Libuno.....	4 »	Paraná.....	53 »	Rosa e ouro.....	Machado Gomes.
3 <i>Dedi</i>	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Vermelho e preto.....	Coudelaria Ypiranga.
4 <i>Baguassú</i>	Rosilho.....	5 »	Paraná.....	55 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5 <i>Conde</i>	Castanho.....	6 »	Idem.....	56 »	Vermelho e azul.....	Coudelaria Alliança.
6 <i>Crichaná</i>	Chita.....	6 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
7 <i>Bucha</i>	Zaino.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Encarnado e verde.....	Coudelaria Alliança.
8 <i>Barbara</i>	Rosilho.....	3 »	R. Gr. do Sul.	53 »	Azul e ouro.....	Manuel Ribeiro.
9 <i>Serodio</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	55 »	Ouro e encarnado.....	J.
10 <i>Savana</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco e verde.....	C.

OBSERVAÇÕES.—Os Srs. proprietarios ficam avisados de que as corridas terão começo ao meio-dia em ponto.

A companhia de Carris-Urbanos terá carros especiaes a toda hora para o Hippodromo, assim como a empresa de carris da Villa-Guarany.

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1885.

JOÃO CHAVES, 2º secretario.



